

O Amigo Professor Alberto Deodato

WILSON MELO DA SILVA

Catedrático de Direito Civil da Faculdade
de Direito da UFMG

Mais que justas as homenagens que agora se tributam ao Professor Alberto Deodato Maia Barreto.

Amigo de seus amigos e sabendo, como ninguém, fazer de cada um de seus alunos, antes do aluno, o amigo, o Prof. Deodato, vasta cabeleira desalinhada, lenço branco a sobresair do bolso superior do paletó (assim o conhecemos), era uma pessoa de raras qualidades e de esfusiante simpatia.

Orador emérito, escritor de primeira plana e professor dos mais categorizados, sabia cativar, desde logo, a amizade e a admiração de todos os que dele se aproximavam.

Dialogava com seus alunos o bom diálogo, o diálogo da amizade, da compreensão e do estímulo, o diálogo de quem sabia falar e entender a linguagem dos moços.

Esfusiante, sincero, leal, a todos procurava agradar, não sob o império de ambições mesquinhas ou de contra-partidas, mas o diálogo da sinceridade, da amizade sem limites e, sobretudo, da compreensão.

O Professor Deodato sabia, como ninguém, compreender os moços.

Jamais teve para com ninguém uma palavra áspera e o seu clássico "olá bichão!", desarmava qualquer má vontade, fazendo desaparecer, como por encanto, a mágoa do amigo, a queixa do aluno, a desconfiança do cabo eleitoral.

Seu coração era de magnitude transcendente.

Fazia apenas o bem, jamais me constando que, podendo amparar alguém, o deixasse de fazer, ainda que a custo de sacrifícios.

Suas aulas eram primorosas. Primorosas pela eloquência e, sobretudo, pela vontade ingente que tinha ele em que todos seus alunos, idealisticamente, como ele próprio, acreditassem na fraternidade internacional, na paz do mundo e na felicidade dos povos.

Sincero e brincalhão, jamais deixou de estender a mão ao próximo. Quanta vez eu próprio presenciei a discrição com que punha em mãos que solicitavam ajuda, o óbulo generoso, valendo muito mais do que economicamente representava, pelo que traduzia de calor humano, de solidariedade, de desinteressado desejo de ser apenas bom.

A todos ajudava, como na palavra do Evangelho, sem olhar a quem.

Brincalhão, tinha na fluência de sua palavra colorida e brilhante, no seu sorriso franco, o segredo com que desar-mava rancores, mágoas alheias, transformando, muita vez, em raios de sol, a amarga tristeza dos que dele se aproximavam.

Não tinha inimigos. A todos dispensava trato ameno.

Dotado de palavra fácil e colorida, de uma linguagem que alcançava, por vezes, o íntimo dos mais cerrados corações, o Professor Deodato, era, por excelência um ser humano de raras e nobilitantes qualidades.

Amigo de seus alunos, era comum que, de ordinário, em torno dele se agrupassem os moços, na Escola, nas ruas, nas livrarias, às portas das lojas comerciais.

Para todos tinha sempre uma palavra de estímulo e quem lhe solicitasse um favor, jamais se retirava desiludido ou desencantado.

Se o favor era materialmente impossível de ser outorgado, valiam por ele, ou mais que ele talvez, a palavra de encorajamento, lastreada pela simpatia, quase mística, do velho professor e amigo Alberto Deodato.

Ao ensejo de um concurso de monografias, referentemente a um dado tema de direito internacional, nós o procuramos pela primeira vez em sua casa, à rua Maranhão.

Recebeu-nos com a maior afabilidade, deixando ao próprio interiorano desarvorado, a sensação de que não estava só, na grande cidade. E nos emprestou livros preciosos, então, ani-

mando-nos com palavra de carinho, ensejando a que escrevessemos, cheio de entusiasmo e de fé, o libreto "Que é a Doutrina de Drago?" que foi, para nós, como que um ponto de partida para arrancadas maiores.

Amigo e Professor, Professor e Amigo, tinha seus alunos como espécie de filhos.

Ciência sem consciência, escreveu de uma feita Foerster. O Professor Deodato parece que disso tinha a intuição. Suas aulas iam além do simples conhecimento que buscava nos transmitir daquilo que ensinava. Ele ia além. Ensinava como fazer-se do que se aprendia, uma real alavanca para maiores e mais frutíferas caminhadas, para maiores aprimoramentos morais, para a conquista da virtude do bem-querer do bem-poder servir aos semelhantes.

Ele foi assim na cátedra; foi assim na vida pública e na sua vida particular.

Jamais quiz magoar a ninguém. Dialogava com os que se diziam seus desafetos políticos.

Na Academia Mineira de Letras, até onde ingressamos com seu voto e, sobretudo, com seu estímulo, eu muita vez lobriguei o caro Professor Deodato passar às mãos de um ex-funcionário, aposentado, em situação de quase miséria, a moeda generosa que não era a da esmola mas a do carinho, a da compreensão, a do calor humano verdadeiro.

Sua palavra era fácil e fluente.

Era um prazer assistir suas aulas.

O Direito das Gentes, ele próprio dizia com certa ponta de ironia, quando não apresentasse vantagens mais positivas, ensejava, contudo, o direito de se sonhar com uma paz universal, com essa bondade utópica dos povos, ensejando, ainda, a oportunidade para que se escrevessem a respeito da paz algumas páginas literárias de beleza incontestada.

Sob seu estímulo aventuramos, no terceiro ano do curso jurídico, a escrever algo a respeito do tema por ele proposto: "Que é a Doutrina de Drago?".

Escrevemos um trabalho mais alongado e o melhor que podíamos, então, ter levado a cabo, pelo que muito nos auxi-

liou ele, confiando-nos preciosos volumes, inclusive da *Révue Générale de Droit International Public*” de Paul Fauchille.

Nosso trabalho feito com entusiasmo, então, levou o Professor Deodato a fazê-lo premiar com medalha de ouro e a obter da douta Congregação da Escola que o mandasse publicar.

O meu primeiro pranto como estudante, eu o chorei aí, a agradecer ao mestre, amigo e bom, a generosidade do prêmio que foi o primeiro degrau da escada que acabou por me levar à cátedra de Direito Civil na Faculdade e, mesmo, à cadeira nº 20, da Academia Mineira de Letras, com um ensaio literário sobre Alphonsus de Guimarães, a ele particularmente confiado no original e por ele imposto a mim que me candidatasse, então, à Academia.

O Direito Internacional que lecionava trazia, em si, o selo da grandeza do Professor que o ministrava.

A Soberania, repetia ele, reiteradamente, apoiado em Rui, não é o poder absoluto dos que nela não enxergam outros limites que não, e exclusivamente, os do arbítrio.

A soberania deve ser, antes de tudo; não poderá jamais traduzir a dependência de um estado *vis-à-vis* de outros Estados. A Soberania deve traduzir, sobretudo, a interdependência dos Estados, a cooperação, jamais a oposição entre eles.

Brincalhão, de uma feita, foi pressionado por seus alunos, para informar qual o mais representativo dos autores estudiosos do Direito das Gentes.

O Professor Deodato não titubeou: — Frei Francisco de Vitória, o consagrado autor do consagrado livro *DE JURE GENTIUM ET NATURALI*.

E à instância de seus alunos, que logo a seguir se levantaram a pedir-lhe que, em homenagem a Frei Francisco de Vitória, se pintasse um quadro e se mandasse dependurar à parede da sala de aula, o Professor Deodato se pôs, por momentos, perplexo. E que nem ele, nem ninguém, jamais houvera visto aqui, ou alhures, uma gravura, ao menos, representando o Frade internacionalista.

Mas o Professor Deodato não era pessoa que se desse, jamais, por vencido.

Ficou de providenciar. E providenciou.

Após certo lapso de tempo, apareceu na Escola, pintado a óleo, não se sabe bem por quem, um quadro representando um frade, que exhibia uns ares, que, segundo Deodato, eram os de todo internacionalista que se preze.

Do frade, parece que havia, de verdadeiro, apenas o burel.

Se parecia, ou não, o retrato, com o retratado, isso pouco importava, dizia o Professor Deodato, a acrescentar que o hábito é que faz o monje e não a "cara" do próprio monje.

E lá ficou, dependurado na Escola, o retrato do Frade internacionalista, o Frei Francisco de Vitória, para todos fins e efeitos.

Esse era o Professor Deodato.

Brincalhão, irônico, amigo de seus amigos, e mesmo dos inimigos (se é que os teve), pai de seus alunos com os quais dialogava sempre de maneira amena e risonha.

Esfusiante, comunicativo, brincalhão, não fossem seus alunos supor por isso, que fosse ele um professor do tipo "camarada".

Exigia o que ensinava, apertando os "relapsos", a todos costumeiramente chamando de "bichões", sem transigir, contudo, no que dissesse respeito ao que aos alunos competisse fazer em matéria de estudo.

Orador primoroso, brilhante, literato de escol, além da lembrança de sua oratória, deixou diversos trabalhos escritos, enchendo as páginas de nossos jornais com suas "crônicas" constantes, muitas delas verdadeiras cristalizações de ternura e de beleza.

Apaixonado por sua terra natal, Maroim, possuía, lá, um amigo de infância, o poeta Cleomenes Campos.

Dele, uma vez, recitou, em minha presença, o Professor, alguns versos.

Tratava-se do poemeto SAVEIROS DO MARIOM, que o Professor Deodato, com sua palavra límpida, escandida, de uma tonalidade mista de ternura e saudade, falava no balanço, sem ruído, das velas mansas dos saveiros:

Que homens hercúleos, devagar,
puxando cordas, vão abrindo no ar,
cheios da paina alvíssima do luar...

E para mim, de um modo particular, com olhos que me pareciam embaciados e uma voz que traduzia a lembrança de coisas muito distantes que talvez fizessem chorar, concluía o poemeto de seu amigo de infância, Cleomenes Campos:

.....
Como invejava a sorte aos velhos andrajosos
Que passavam seguidos por um cão,
Os olhos sempre dolorosos,
Os olhos sempre lacrimosos,
Sem pão!...

Mas... hoje, que hei sofrido do Destino
todas, todas as dores,
Vejo quão longe estou de menino!
Vejo quão longe estou do tempo de menino!
Em que tinha, feliz, o maior dos pavores
dos saveiros de poucos remadores...

Pudessem eles, na verdade, voar,
primeiro ao léo,
depois... a caminho do céu...

Se eles pudessem, na verdade, voar,
quem me dera subir e nunca mais voltar...

Esse foi o Professor Deodato que tive como amigo e como Professor. A quem dediquei meu livro jurídico "Responsabilidade sem Culpa", a quem admirei sempre e a quem sempre invejei por seu espírito de solidariedade humana, por sua cordura, por sua inteligência e pelo seu coração maior que o coração de todo o mundo.